

221
1123215

À INAUGURAÇÃO
 DA
 ESTATUA EQUESTRE
 DO FIDELÍSSIMO MONARCA
DOM JOSÉ I.
 O MAGNÂNIMO
 NOSSO SENHOR
 NO DIA 6 DE JUNHO DE 1775
 DOS SEUS FELICÍSSIMOS ANNOS,
 NA PRAÇA DO COMMERCIO
 DA CIDADE DE LISBOA.

O D E.



QUE Varão, ou que Heroe na eburnea Lyra
 Decantarei oufado,
 Em metro, e melodia,
 Quaes atégora o Mundo nunca ouvira?
 Cujó nome espalhado
 Por onde raia o dia,
 Mova a adorallo o habitante ignoto,
 De évo em évo a pezar da fera Cloto?
 * Quem,

Quem, senão Vós, Magnanimo Monarca,
He de tal gloria digno.
Santa Verdade, desce
Do Reino Eterno, onde não entra a Parca;
Com teu fogo Divino
Meu frio engenho aquece;
Não teu favor imploro lisonjeiro,
Que eu canto ao Mundo o Grão JOSÉ PRIMEIRO.

Donde começarei Vossos louvores!
Pois mil, e mil Virtudes
De igual belleza ornadas,
Brilham em Vós quaes Astros bemfeitores!
Eis, entre os choques rudes
Da Parca, e Sorte iradas,
Tão inconcussa, qual na doce calma,
Se offrece a mim Vossa Grandeza d'Alma.

De outra parte huma Angelica Donzella
Me attrahe a vista, e o canto:
A Justiça he, contente
De achar em Vós morada digna d'ella:
Á sombra do seu manto,
Do rico prepotente
Não temem a Calumnia, a Força infanda,
O Pupillo, e a Viuva miseranda.

Não mais bradeis por minha voz, e lyra
Clemencia, e Amor Paterno,
Já nova Poesia,
A Verdade, e outros sons por Vós me inspira:
Vós,

Vós, manancial eterno,
De mil bens, que á porfia
Sobre os ditosos Lusos se derramam,
Que a JOSÉ só por PAI DA PATRIA acclamam.

Sim, benefico Amor, a Vós devemos
A nossa immensa dita,
Que outra na antiga Historia
De Povo algum feliz igual não lemos:
Digna de ser escrita
No Templo da Memoria;
O Grão CARVALHO, cujo nome Augusto
Mecenas, e Sully ouvem com susto.

CARVALHO, em quem se esteia o Luso Imperio;
Que a sã Agricultura,
E o proficuo Negocio,
Que jaziam no pó do Vituperio,
Aníma, ergue, honra, e apura;
E odiando o bruto Ocio,
As mentes juvenis pródigo applica,
A colher de Artes uteis messe rica.

Elyfia venturosa, grata inclina
A fronte torreada
A este Heroe famoso:
Entre montões de cinza, e de ruina
Ao seu braço encostada,
Do jazigo horroroso
Princeza do Universo resurgiste,
Vendo-te ufana, qual já mais te viste.

Mas 'onde vás, ardente Fantazia?
 Vejo o Mondego irado
 Mostrar-me o monstro horrendo,
 Em cujos ferros Portugal jazia:
 Contra elle denodado
 CARVALHO arremettendo,
 Lhe prostra em fim ás furias orgulhofas,
 E nos quebra ás cadêas vergonhofas.

Eis Pallas cobra os Paços venerandos,
 Que a Ignorancia usurpára:
 Jaz a Fera abatida
 Sobre montões de partos seus nefandos,
 Da Deosa junto a Ara:
 Em vão raivosa lida,
 Por soltar os grilhões dos roixos pulsos,
 Treme, mordendo os labios seus convulsos.

Mas sahe a Filha sua á luz do dia,
 Com cem vipereos vultos?
 Fazem-lhe horrida corte
 A fecunda biface Hypocrisia
 Em traidores insultos,
 A vil Discordia, a Morte,
 E o torvo Fanatismo ensanguentado,
 De ferro, fogo, e de veneno armado.

Ceos! Que horrores, e estragos lastimosos,
 Que as carnes me estremecem,
 De mil Nações semeiam
 Pelo Univerfo os Monstros sanguinosos!

Cho-

(5)

Choros, gritos, recrefcem...
 Mortos em fangue ondeiam...
 Brotam em torno armigeras fearas...
 Jazem no pó Coroas, e Tiaras.

Eia Mortaes, ceflou voffa ruina!
 Contra as Feras trementes,
 O Alumno de Minerva
 Da dextra o raio vingador fulmina.
 As cabeças ardentes
 Cahem da infernal Caterva.
 Vem com palmo os Heroes cheio de gloria
 CARVALHO entrar no Templo da Memoria.

Ah Lufitania! injusta, e ingrata o Mundo
 Te nomeia indignado,
 Aos grandes beneficios,
 Que debes ao Monarca fem segundo,
 E ao feo Ministro honrado:
 Se as manchas de taes vicios
 Pertendes apagar, o exemplo toma,
 Que te apontam Athena, Gallia, e Roma.

Mas vejo hum Filho teu, tinto o semblante.
 De ira, e de honroso pejo,
 Que a Patria defafronta:
 Segue-lhe o exemplo o Luso Povo ovante
 Junto em fim do almo Téjo,
 Té aos Ceos se remonta
 Por mãos da Gratidão a Gran Memoria,
 No dia faufto na vindoura Historia.

SO-

SONETO.

O Soberbo Padrão esclarecido,
Que a Vós, sublime REY, gratos erguemos,
He sombra escassa do que n'alma temos,
Aos Vossos Beneficios erigido:

Não de marmore, ou bronze construido,
Mas das Reaes Virtudes, que em Vós vemos,
Coração justo, e amante sem extremos,
Por odio, ou por affecto não torcido.

Cresce assim mais, e mais Vossa Memoria,
Semeada por nós no Mundo inteiro,
Servindo-vos de honrosa, e eterna Historia.

E ainda no futuro derradeiro
Lembrará com inveja, e nossa gloria
O Pai da Patria o Grão JOSÉ PRIMEIRO.

Á COLLOCAÇÃO
 DO EGREGIO BUSTO
 DO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR
SEBASTIÃO JOSÉ
 DE CARVALHO E MELLO,
 MARQUEZ DE POMBAL,
 MINISTRO DE ESTADO
 DE SUA Magestade FIDELÍSSIMA.
 &c. &c. &c.

SONETO.

OH Peregrino, que olhas respeitoso
 O Heroico Busto em bronze relevado;
 Se saber queres, do que está gravado
 Nos nossos corações, o Nome honroso,
 Pergunta ao Luso Povo venturoso,
 Quem o antigo quebrou grilhão pezado,
 Em que o teve a Ignorancia afferrollhado,
 Por mãos do Fanatismo sanguinoso.
 Quem d'entre as cinzas fez surgir Princeza
 Do Mundo Elysia, e de esplendor a veste:
 E ò Commercio anima, e as Artes préza:
 Quem extirpar da Hypocrisia a peste...
 Ah sublime CARVALHO, nesta empreza
 Os passados Heroes, e a Ti venceste!

O.

O Bacharel Domingos Maximiano Torres.

A COLLECÇÃO
DO REGIO BUSTO
DO ILLUSTRÍSSIMO E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR
SEBASTIÃO JOSÉ
DE CARVALHO E MELLO,
MARQUEZ DE POMBAL,
MINISTRO DE ESTADO
DE SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA

SONETO

H Portugal, que o teu destino
O Brasil, que o teu destino
Se illas partes do que a terra
Nas mãos de Deus se deu, he
Perguntar ao céu, como se
Quem o mundo governa, e se
Por que o céu e a terra
Foi feita de tal modo
Que devesse a terra
Do mundo he feito, e de
E o Canto de Deus, que
Quem criou o mundo, e
Abandonar o mundo, e
O mundo he feito, e

O Brasil, Portugal, e o mundo

51
123215